

UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO PEDAGÓGICA EM ARTE: O ESTUDO DO DESENHO INFANTIL E O ENSINO DE DESENHO A CRIANÇAS CEGAS APLICADOS EM SALA DE AULA

ART EXPERIENCE IN ACADEMIC EDUCATION OF PEDAGOGY COURSE: THE STUDY OF CHILDREN'S DRAWING AND THE DRAWING EDUCATION OF BLIND CHILDREN APPLIED IN CLASSROOM

Alice Registro Fonseca¹

Resumo: Este relato de experiência consiste em apresentar e refletir sobre as diversas ações realizadas na disciplina de Artes Visuais na Educação Infantil no curso de Pedagogia do Centro Universitário Moura Lacerda. As atividades desenvolvidas entre os anos de 2016 e 2017 foram pautadas no estudo do desenvolvimento do desenho infantil, a partir da investigação do ensino de desenho para crianças cegas. Os campos teórico e prático foram baseados na pesquisa de Maria Lúcia Batezat Duarte que resultou a publicação: *Desenho Infantil e seu ensino para crianças cegas: razões e métodos* (2011). Os exercícios de esquemas gráficos propostos, executados e estudados por Duarte (2011) possibilitam trabalhar o ensino do desenho para os não videntes da forma que esses sujeitos se sintam semelhantes e acolhidos. O relato desta experiência destaca a metodologia criada, mas dessa vez, sendo aplicada para futuros professores com objetivo de despertar o olhar para o aprendizado e ensino do desenho.

Palavras-Chaves: Desenho infantil. Artes. Crianças cegas. Educação. Pedagogia.

Abstract: This report of experience consists in presenting and reflecting on the various actions carried out in the discipline of *Visual Arts in Early Childhood Education* in the Pedagogy course of the University Center Moura Lacerda. The activities developed between the years 2016 and 2017 were based on the studies of children's drawing, from the investigation of the teaching of drawing for blind children. The theoretical and practical fields were based on the research of Maria Lúcia Batezat Duarte that resulted in the publication: *Child Drawing and its teaching for blind children: reasons and methods* (2011). The exercises based on graphic schema created, executed and studied by Duarte (2011) make it possible to work on the drawing teaching for the blind people in the way these individuals feel inclusive and welcome. The report of this experience highlights such interesting created methodology, but this time, being applied for not blinding population. These specific actions was directed to the future teachers and its aim of inspiring them and so awake their viewpoint for the drawing learning and teaching.

Keywords: Children's Drawing. Arts. Blind Children. Education. Pedagogy.

INTRODUÇÃO

Ver, desenhar, tocar, expressar, escutar, dançar, cheirar e lembrar. As modalidades sensoriais² vividas refletem quem nós somos e como nos comunicamos com o mundo. Na

¹ Mestre pelo programa de Pós-Graduação em Artes – Universidade Federal de Uberlândia. Professora do curso de Pedagogia do Centro Universitário Moura Lacerda e gestora executiva da Casa da Memória Italiana. aliceregistro@gmail.com

formação do pedagogo, as disciplinas de Artes promovem e instigam nossa memória cultural vivida em favor do desenvolvimento cognitivo e motor. O estudo das linguagens artísticas “revela o modo de perceber, sentir e articular significados e valores que governam os diferentes tipos de relações entre os indivíduos e a sociedade” (BRASIL, 2000, p.20).

A primeira discussão teórica que aplico na disciplina *Artes Visuais na Educação Infantil*, na graduação em Pedagogia do Centro Universitário Moura Lacerda, é pautada nas terminologias das Artes, associando a História da Arte e a história do ensino da Arte. Por que Artes Visuais e não Belas Artes ou Artes Plásticas? O que cada uma dessas nomenclaturas expressa em linguagens e produções artísticas, estéticas e relações plásticas, visuais e interativas? O objetivo da discussão é fazer o aluno compreender a disciplina como uma figura relevante para formação da sociedade e discussão da humanidade, agregando valor as ações artísticas a serem desenvolvidas interdisciplinarmente. Artes Visuais são produções atuais que necessitam de ações pedagógicas agregadoras e estimuladoras da criatividade e do conhecimento.

Ao compreender que a disciplina baseia-se nas ações contemporâneas das Artes Visuais, o aluno é estimulado a pensar na relação com as propostas pedagógicas na Educação Infantil. O momento crucial para essa relação acontecer é no estudo do desenho da criança como linguagem e comunicação, em que se analisa o processo cognitivo, afetivo e psicomotor da criança. Ao estudar o grafismo da criança compreende-se seu aprendizado e seu reconhecimento do mundo na infância. Desta forma, “o futuro pedagogo poderá valorizar o grafismo infantil, não como fins de diagnósticos, mas sim como processo evolutivo comum do desenvolvimento global de cada criança – o social, o intelectual, o físico e o emocional” (FRONCKOWIAK, 2011, p. 69).

A escolha de fundamentar as discussões sobre o desenho infantil no livro *Desenho infantil e seu ensino a crianças cegas: razões e métodos*, de Maria Lúcia Batezat Duarte, ajuda o aluno de pedagogia a reconhecer as distintas formas de aprendizado da criança e como ela reflete esse conhecimento de mundo. A autora apresenta diferentes análises estéticas, históricas e semiológicas que discutem as experiências sensoriais de aprendizado comum, identificando que, independente de ter ou não a visão, todos nós somos capazes de elaborar

² Maria Lúcia Batezat Duarte (2011) dedica no primeiro capítulo de sua publicação o campo teórico sobre a formação da memória e da aprendizagem na adversidade de ações pedagógicas que estimulem novos aprendizados por meio de modalidades sensoriais.

conceitos mentais de como as coisas se movimentam, como se compõem, como soam e como cheiram.

Há uma grande quantidade de estudos, sob diferentes aspectos, da questão do grafismo infantil. Dentre eles apresento, na disciplina, os estudos de Georges-Henri Luquet (1910, 1913, 1969 apud DUARTE, 2011), Viktor Lowenfeld (1947, 1961 apud IAVELBERG, 2008), Rhoda Kellogg (1969 apud IAVELBERG, 2008), Lev Vygotsky (1987, 1989 apud ALEXANDROFF, 2010), Jean Piaget (1978 apud ALEXANDROFF, 2010) e duas autoras brasileiras e contemporâneas Rosa Iavelberg (2008) e Edith Derdyk (2010). Todos os citados reconhecem haver determinadas etapas, fases ou períodos que são comuns aos sujeitos em processo de apropriação do desenho enquanto sistema de representação.

Duarte (2011) pautou sua reflexão no estudo de Luquet, que desenvolveu sua pesquisa observando diretamente a produção de seus filhos, sendo que a autora também investigou o ensino do desenho a crianças cegas em encontros diretos. Na segunda parte do livro, a autora apresenta e discute várias de suas experiências com o ensino de desenho a crianças cegas. Algumas destas foram utilizadas na formação dos futuros pedagogos como atividade prática em que os coloca na posição de aluno e relembra as brincadeiras da própria infância.

O processo de aprendizado do desenho é imitativo, da mesma maneira que a criança aprende a sentar, ficar em pé, andar e falar. Assim, os primeiros traços de desenhos são como o primeiro passo cambaleando ou como o balbúcio na fala. A evolução do desenho infantil necessita de muitos exercícios e tentativas de controle do gesto integrando a intenção do desenho. Por esta razão, Duarte (2011) referencia Luquet (1913) com o estudo dos elementos do desenho infantil, no qual entrelaçou o ato de desenho como uma vontade de verbalizar e expressar, desenhando os objetos que conhecem e sabem desenhar.

Em pesquisas atuais sobre grafismo infantil, o ato de desenhar é considerado como um diálogo humano de comunicação. Ou seja, as imagens visuais produzidas são capazes de tornar externamente a categoria significativa presente internamente no sujeito, no caso a própria criança (ALEXANDROFF, 2010). Nos seus estudos, Luquet (1910, 1913, 1969), conforme referenciado por Duarte (2011, p. 45) ”apresenta que o desenho na infância atua com a mesma função da palavra, sendo um representante geral de uma categoria de objetos”. A palavra e o desenho no final são divergentes apenas no sentido que trabalham diretamente com a representação icônica e estas podem ser retratadas de formas variadas. A palavra pássaro, por exemplo, na língua portuguesa é designada como uma espécie da classe de animais denominada “aves”. Duarte descreve as propriedades da categoria pássaro que se

encontra no dicionário e faz um paralelo com desenhos de pássaros, aquele que está pousado e o em movimento. O desenho do pássaro parado é representado com as seguintes características formais: cabeça, corpo, pico, asas, pés e cauda. Por outro lado, o desenho do pássaro em pleno voo costuma ser representado com linhas simplificadas na horizontal, que representa as asas abertas durante o movimento (DUARTE, 2011).

Os exercícios de esquemas gráficos propostos, executados e estudados por Duarte (2011) possibilitam trabalhar o ensino do desenho para os não videntes, de tal maneira que esses sujeitos se sintam semelhantes e acolhidos. O relato de experiência evidencia a metodologia criada, mas desta vez, sendo aplicada para os videntes com objetivo de despertar o olhar para o aprendizado do desenho.

ESTUDO E PRÁTICA DO DESENHO INFANTIL POR MEIO DE EXERCÍCIOS PARA CRIANÇAS CEGAS

Nas atividades de formação do pedagogo na disciplina de *Artes Visuais na Educação Infantil* trabalhei a leitura, discussão e produção de resumo do primeiro capítulo do livro *Desenho Infantil e seu ensino a crianças cegas: razões e métodos*. Nele, Duarte (2011, pp. 20-23) apresenta suas questões iniciais sobre: “como aprendemos? Como lembramos o que aprendemos? Como memorizamos mentalmente um objeto visto? Que recursos perceptivos e mentais as crianças utilizam no ato de desenhar?”

Ao longo de todo livro, Duarte questiona a nossa comunicação com o mundo cotidiano e com as experiências individuais para tratar dos significados das palavras, das imagens mentais que são construídas dessas relações, e como são retratadas nos desenhos. Quando descreve um dos exercícios aplicados com sua aluna cega de nascença, em que pede para desenhar a água, o resultado do desenho é a experiência que a criança vivenciou com a água, o ato de tomar banho. Os significados de cada palavra possuem correspondências e experiências específicas para cada indivíduo e o desenho acaba por ajudar a compreender essa complexa atividade, como, por exemplo, Duarte (2011, pp. 173-174) apresentou nas experiências de “desenhos multimodais de Giordano”. No exercício para desenhar um automóvel, Duarte identificou a presença de diferentes percepções sensoriais em que a criança cega de nascença desenhou “o ‘dentro’ (invisível) e o ‘fora’ (visível)”, ou seja, representou a distribuição dos espaços do carro e não a concepção da aparência. Duarte (2011, p. 176) comenta que o desenho é “uma sequência perceptiva com ênfase aos detalhes internos do

veículo. (...) Pouco importam as rodas (o movimento) ou a capota do veículo (o contorno externo), esses recursos de síntese imediatamente registrados pelas crianças visuais no desenho de ‘automóvel’”.

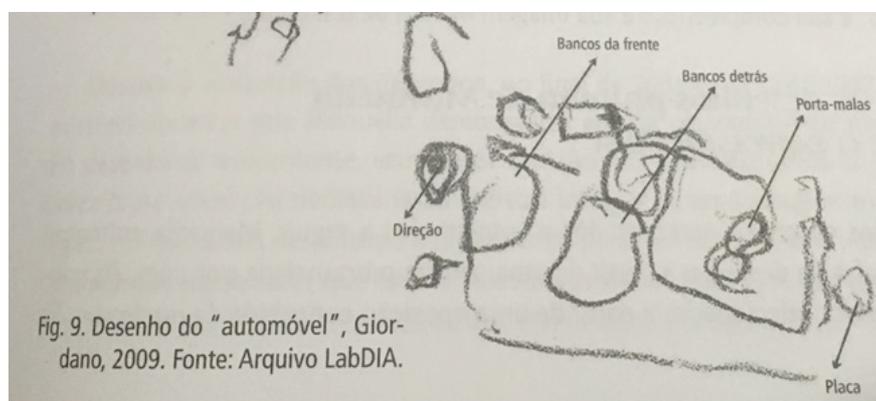


Figura 1 – Reprodução do desenho realizado por Giordano, com 9 anos e 8 meses, nas aulas de artes ministrados pelos orientandos de Duarte (2011, p.175)

O exercício de desenho com crianças cegas, aplicado e estudado por Duarte e seus orientandos, é composto por recursos de imagens tátil-visuais, giz de cera e papel sulfite, posicionado sobre folha de lixa grossa³. Essa técnica de desenho permite que a pessoa desenhe com uma mão enquanto o dedo indicador da outra mão percorre junto ao desenho que surge com giz. Desta forma, o resultado de desenho que visualizamos na figura 1 e 2, foi executado com essa técnica, não diferenciando visualmente de um desenho produzido sem esse recurso.

A técnica do desenho com lixa grossa é uma ótima alternativa de trabalho tanto para pessoas com falta de visão como quem possui esse sentido. Na disciplina de *Artes Visuais na Educação Infantil* propus atividades de ateliê que estimularam o aluno a se desprender dos medos de desenhar, das imagens estereotipadas e de outros vícios de representação. A partir do momento em que se recebe um aluno cego, pode ser acrescentado o exercício do desenho com a lixa nas práticas de ateliê. Um dos exercícios de desenho de observação, que costumo fazer com todos os alunos, é que me desenhe numa posição qualquer, mas sem olhar para papel. É um desafio e também uma quebra com o desenho perfeito. Na sequência, faço com que todos fechem os olhos, apresento uma imagem tátil para eles desenharem com olhos fechados com a técnica do giz, sulfite e lixa. Todos vivenciam a percepção tátil e os desafios da representação tátil visual.

³ Na experiência que realizei com essa técnica em sala de aula foi utilizado o papel jornal com 48,8 de gramatura, pois cria mais textura na superfície do papel e facilita a percepção tátil e o resultado é o mesmo que com o sulfite.

Uma das minhas alunas perdeu a visão no final da sua infância e, por esta razão, possui a compreensão da aparência das coisas, a modalidade visual associada com as outras sensações. No momento em que descrevi a representação da Figura 1 em sala de aula, ela compreendeu esse envolvimento com o meio e o reflexo no desenho. Quando ela conheceu a técnica do giz e lixa grossa ela gostou muito, pois desde que perdeu a visão não havia desenhado mais e, então, naquele momento produziu vários desenhos. Dentre os desenhos que me apresentou foi a criação de uma paisagem marítima (Figura 2) que mostrava de maneira semelhante à Figura 1. Percebe-se que primeiramente ela representou o navio e depois o mar, pois uma parte do navio encontrava-se submerso, mas também visível e também sentido pela textura do giz no desenho. Entretanto, esse desenho apresenta mais elementos de uma síntese visual, pelo fato dela possuir uma vivência do tema, anterior a perda da visão.



Figura 2 – desenho produzido com a técnica do giz, papel e lixa grossa pela aluna de pedagogia que perdeu visão no final da sua infância, no ano de 2016. Foto: da autora.

Outro exercício que aplico com todos os alunos envolve a percepção da forma e do desenho, em que eles devem distinguir um objeto tridimensional e registrá-lo no papel na forma bidimensional. Todos são posicionados numa roda, com olhos fechados, podendo ficar sentados nas cadeiras com mesa para desenho a sua frente. Começam a passar entre si os diferentes objetos que lhes são entregues em sequência, depois desenham os mesmos com olhos fechados com a técnica do giz, papel e lixa grossa. Esse exercício faz com que se compreenda como é o processo de criação do desenho infantil pela planificação dos objetos e como o recurso de maquetes tridimensionais auxiliam nesse procedimento. “Compreendi, então, que maquetes tridimensionais que enfatizassem o aspecto geral, geometricamente característico

do objeto, poderiam permitir à criança cega desde o nascimento uma percepção tátil similar à percepção visual” (DUARTE, 2011, pp. 27-28).

Duarte apresenta vários estudos de como as crianças cegas aprendem a desenhar, casos em que a prática do desenho acontecia a partir de contornos de figuras recortadas em material emborrachado (E.V.A.); desenhos a partir de formas geométricas, recortando e colando-as; desenhar com pontos em relevos da mesma forma que a escrita e leitura em Braille. Contudo, a proposta de Duarte é trabalhar com o mesmo método criativo do “procedimento vivenciado pelas crianças visuais, isto é, a percepção da totalidade do objeto como geradora da decupagem desse objeto em seus componentes formais elementares para a (re)construção da figura planificada e gráfica” (DUARTE, 2011, p. 136).

O exercício que propus nas aulas segue a linha de investigação de Duarte, pois o trabalho é de sequência perceptiva tátil em que primeiro se tem acesso ao objeto concreto, tridimensional; depois a planificação da figura em material espesso e então o ato de desenhar linear da linha de contorno com a textura representada na técnica de giz, papel e lixa grossa (Figura 3). Ao vivenciar essa experiência, o aluno de pedagogia aprende na prática o processo evolutivo do desenho, da transformação do objeto tridimensional, o mundo cotidiano, as pessoas e as representações, em algo bidimensional, que é o desenho. Ao trabalhar com a pesquisa e os exercícios investigados por Duarte, foi provocado um relevante aprendizado sobre o ato de desenhar como expressão artística tanto para os videntes como os não videntes.

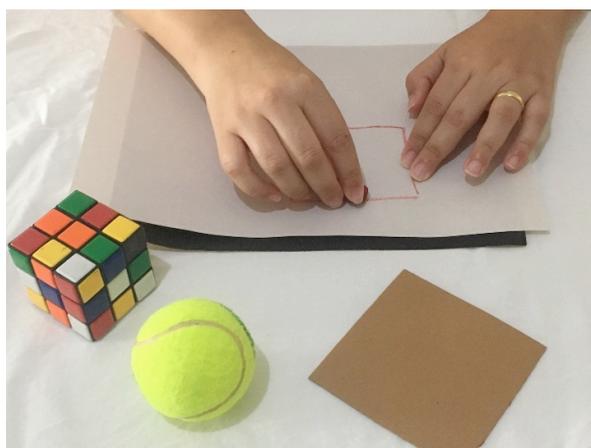


Figura 3 – Exercício de sequência perceptível tátil, do objeto concreto, tridimensional à representação bidimensional do desenho. Foto: da autora.

As práticas de ateliê desenvolvidas na disciplina trabalham com várias técnicas de produção artísticas - desenho, pintura e escultura. Apesar dessa variedade de expressões o

objetivo é único, promover a importância do desenho e da expressão artística na infância para crianças visuais e invisuais.

Os desenhos infantis são simples e neutros, capazes de representar toda uma categoria de objetos ou várias categorias de objetos, necessitando de apenas pequenos acréscimos identificatórios (...). Esses desenhos, e o primeiro conjunto de palavras que as crianças aprendem, passam a compor as referências de mundo por meio das quais a criança vai interagindo e passando a fazer parte da sua sociedade e da sua cultura. (DUARTE, 2011, p. 47)

As atividades artísticas desmistificaram a ideia do saber e do não saber desenhar, pois a maioria dos alunos de pedagogia diz não saber desenhar e, por isso, utiliza imagens prontas na internet em seus trabalhos de faculdade e de estágio. Referenciando o que Duarte salienta sobre os desenhos infantis com apenas pequenas distinções de traços, modifica-se o resultado da imagem criada; por exemplo, o que diferenciou um desenho de um coelho e um cachorro foi o rabo maior de um e a orelha comprida do outro. Neste sentido, é fundamental o que proponho como exercício de desenhar rabiscos aleatórios no papel, não tendo nenhum significado no ato de tracejar, seguido de analisar a abstração para encontrar algum personagem, animal, objeto, fruta e outras representações do mundo (Figura 4). O exercício tem o nome de *O Personagem Rabisco*, tendo como inspiração as produções do artista Joan Miró, em que de traços aleatórios surgem personagens, galo, estrela (Figura 5).



Figura 4 - Exercício *O Personagem Rabisco*, aluna encontrou um alce, um sapo e um peixe, 2016. Foto: da autora.



Figura 5 – Joan Miró, *Mulher*, 1978, acrílico sobre tela, Fundação Joan Miró, Barcelona

Duarte (2011) apresenta e analisa variados exercícios de desenho com crianças cegas em seu livro e, ainda assim, existem infinitas proposições, jogos e exercícios que podem ser explorados nas salas de aula de educação infantil.

Espera-se, que por meio deste relato de experiência sejam despertadas ações que promovam a evolução das percepções do ensino de arte e que os exercícios apresentados facilitem a compreensão do desenho infantil como parte da organização dos processos de conceituação e pensamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futuro pedagogo que lidará, muitas vezes, com proposições artísticas para o desenvolvimento motor e cognitivo da criança e adolescente, necessita conhecer o saber artístico, em suma, o que vai ser ensinado. Portanto, o relato de experiência apresentado atua no momento de formação do pedagogo, em que se trabalha com os fundamentos do desenho das artes visuais, o desenvolvimento gráfico-plástico infantil e do adolescente, o conhecimento das ferramentas, suportes técnicos e materiais expressivos e a própria concepção de arte (WEISS; NUNES, 2006).

Em muitos casos, os alunos começam a disciplina imaginando que será um momento descontraído para aprender várias técnicas de colagens, construção de painéis, trabalhos com diferentes materiais e outras atividades práticas prontas para atuar em sala de aula. Contudo, começo primeiramente a discutir o que é Arte e colocá-la como um campo de conhecimento com seu conteúdo específico e não apenas a técnica e métodos do como fazer arte. Quando esses saberes são desenvolvidos, os alunos começam a despertar para a relevância da Arte como momento de crescimento intelectual e o desenho infantil pode ser uma chave para essa descoberta.

A discussão da inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no sistema regular de ensino no Brasil tem sido, sem dúvida, uma das grandes questões deste início do século XXI. (MORAIS, 2009). A preocupação com a Educação Inclusiva é presente na Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/96, tendo o Capítulo V dedicado “Da Educação Especial”, na qual se afirma “Art. 59. Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais: I - currículos, métodos, técnicas, recursos educativos e organização específicos, para atender às suas necessidades”. Desta forma, a proposta de estudo e de exercícios do desenho infantil a partir do ensino de desenho para crianças cegas foi uma estratégia de provocar novos pensamentos e novas ações em sala de aula.

Alguns dos exercícios citados possibilitaram formar o futuro pedagogo e fazê-lo encarar o desenho na infância como momento de aprendizado do mundo a sua volta e também

da primeira forma de expressão. A criança ao desenhar elabora conceitualmente os objetos e momentos experienciados, pois “a representação é uma condição básica para o surgimento do pensamento, como a capacidade de evocar e articular ações interiorizadas” (ALEXANDROFF, 2010, p. 25).

Num dos relatos escritos dos alunos da disciplina, foi apresentado como ponto positivo, o estudo do desenho infantil e a prática dos exercícios em ateliê como uma alternativa para perceberem como a criança percorre as fases do desenvolvimento e foi também discutido como cada etapa vencida é uma conquista. O aluno se colocou no lugar da criança no ato de desenhar, entendendo que mesmo uma produção bem simples requer um conhecimento cognitivo e motor prévio. Acrescentou que os rabiscos ou garatujas só representam abstrações do ponto de vista para os adultos, mas para crianças sempre são repletos de significações.

Exercícios que provoquem novos traços e percepções de espaço, de objeto e de figura humana, como, por exemplo, o desenho por observação sem olhar para o papel ou mesmo o surgimento de um personagem a partir de rabiscos, promoveram a libertação do desenho rígido, pois em outro relato, uma aluna comentou que a experiência foi um salto para sua imaginação. Acrescentou que a sua ansiedade e a insegurança inicial foram dissipadas por meio dos exercícios propostos e quando esta observou o resultado final daquilo que parecia traços indefinidos ficou encantada com a sua evolução plástica e criativa. A metodologia de ensino de desenho para crianças cegas levou a um importante estímulo de aprendizado prático para alunos da pedagogia e para uma experiência também prática da educativa inclusiva.

REFERÊNCIAS

ALEXANDROFF, M. C. Os caminhos paralelos do desenvolvimento do desenho e da escrita. **Construção Psicopedagógica**, São Paulo, v. 18, n.17, p. 20-41, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>> Acesso em: 08/04/17.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

DERDYK, Edith. **Formas de Pensar o Desenho**: desenvolvimento do Grafismo Infantil. Porto Alegre: Zouk, 2010.

DUARTE, M. L. B. **Desenho infantil e seu ensino a crianças cegas: razões e métodos.** Curitiba: Insight, 2011.

FRONCKOWIAK, A. (org.). **O educador mediador no desenvolvimento das diferentes linguagens da criança.** Brasília: Gerdau, Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho, 2011.

IABELBERG, R. **O desenho cultivado da criança – Prática e formação de educadores.** Porto Alegre: Zouk, 2008.

MORAIS, D. F. P. Artes visuais para deficientes visuais: o papel do professor no ensino de desenho para cegos. In: **V Encontro do Grupo de Pesquisa “Educação, Arte e Inclusão”.** Florianópolis/SC, 2009. Disponível em: <https://virtual.udesc.br/eventos/vencontro/03_artes_visuais.pdf> Acesso em: 08/04/17.

WEISS, A.; NUNES, A. L. R. As artes visuais e a formação do pedagogo - anos iniciais: uma investigação no curso de pedagogia - CE/UFSM. **Educação**, Santa Maria, v. 31, n. 02, p. 305-322, 2006. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/ce/revista>> Acesso em: 08/04/17.